



EPIFANIA

06/01/04

Primeira Leitura (Antigo Testamento): Isaías 60:1-6,9

A profecia de Trito Isaías (56-66) anuncia o desafio de construir uma nova sociedade onde o povo seja pleno de vida. Isaías 60-62 reúne os critérios teológicos centrais a partir dos quais o passado é analisado, se olha criticamente o presente e se concebe a esperança futura. Gottwald intitula estes dois capítulos como "*Proclamação de pessoas plenamente resgatadas*".

Epifania significa em grego "*manifestação*" e por isso entendesse o critério usado na escolha de Trito Isaías. Os exilados, durante os anos de exílio, tinham aprendido que não estavam sozinhos no mundo e que não bastaria Deus se manifestar ao seu povo. Sua glória deveria ser vista também por todos os outros povos. Observe-se o uso de palavras como: "*os povos*" ("*amim*"; v.2); "*as nações*" ou "*os gentios*" ("*goim*"; v.3 e 5); "*estrangeiro*" ("*necar*"); "*todos/as*" (v. 4,6). O sofrimento do exílio levou ao povo que se sentia "eleito" entender que este Deus que teima em dar e defender a Vida e a dignidade não pode ser apenas um "capelão" de algumas pessoas. Nosso Deus é Deus de toda a humanidade e de toda a criação ou não passa de "mais um" entre tantos.

Ao mesmo tempo em que se compreende que Deus é para todas as pessoas pode se compreender que "as trevas" que impediram os judeus exilados de ter esperança se estendem pelo mundo todo e por isso todo o mundo precisa ser libertado delas (v.2).

Esta é a nova Jerusalém que dever renascer das cinzas da destruição: uma luz para o mundo (v.3). Então, e só então, o "*Santo de Israel*" seria plenamente reconhecido. Este "*Santo de Israel*" é o Deus que habita no Templo de Jerusalém (cf. 2 Rs 19:22; Sl 71:22) chamado também de "*Santo Javé*" (cf. Sl 106:16 e Is 6:3). A Epifania de Jesus Cristo apresenta Jesus como luz para o mundo (cf. Efésios 3.1-12) (Humberto Maiztegui Gonçalves)

2ª leitura (Epístola): Efésios 3: 1-12

A elaboração do discurso de Paulo nesta carta segue uma certa lógica. Uma vez eleitos por Deus desde a eternidade, e uma vez transformados em um povo que apregoa a reunião dos separados e a aproximação dos



distanciados, a igreja de Jesus é descrita por Paul, agora como receptáculos e apregoadores da revelação de Deus.

No texto que lemos nesta manhã, Paulo faz uma digressão em seu raciocínio para explicar a natureza de seu ministério e o conteúdo da revelação que recebeu de Deus, antes de iniciar uma oração pelas igrejas na Ásia. O que temos diante de nós hoje é justamente o conteúdo desta revelação de Deus. Pensando nisso meditaremos hoje sobre o seguinte tema: revelações sobre a Igreja.

Pensando na revelação que Deus deu a Paulo, descobrimos que há alguns elementos importantes. Em primeiro lugar, descobrimos por esta revelação que os gentios são co-herdeiros. (v. 6)

O Evangelho que Cristo traz é um elemento novo porque junta aqueles que outrora viviam separados. Os judeus jamais aceitavam os gentios, que eram vistos como indignos de serem abençoados por Deus. Contudo, em Cristo há uma enorme mudança na cosmovisão do reino. Ele não seria visto mais como uma propriedade dos judeus, mas uma bênção para toda a humanidade. Não importa quem são aqueles que teimamos em manter "fora" do Reino, Deus recebe a todos com o mesmo amor e carinho com que recebe seus filhos legítimos.

Em segundo lugar, descobrimos por esta revelação que nós fomos constituídos ministros. (v. 7) Ser ministro significa ser representante de uma nação em outra nação. O texto nos diz que Paulo, apesar de seus pecados e de seu passado, recebeu a graça e ser escolhido para apregoar "o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo". (v. 8) Como ministros, chamados apesar do que somos e pela graça de Deus, temos o dever de representar os valores e o desejo deste Reino que está para vir, neste mundo alquebrado e cansado.

Em terceiro lugar, descobrimos por esta revelação que a Igreja tem uma missão. (v. 10) A missão da Igreja não poderia ser descrita de forma mais forte: anunciar a todos, inclusive aos principados e potestades, a "multiforme sabedoria de Deus". O que isto significa? Quando acompanhamos a argumentação paulina descobrimos que para ele a reconciliação realizada por Cristo entre os judeus e os gentios, era um sinal a todos os poderes do universo de que o estabelecimento da paz e da concórdia era agora uma possibilidade possível, em função da presença daquele que, com sabedoria, governa o mundo. Para Paulo a separação entre judeus e gentios era a mais forte rixa conhecida. Se Deus foi capaz de reconciliar em Cristo estes inimigos mortais, então este Deus sábio precisa ser anunciado ao mundo. (Jorge Aquino)

Santo Evangelho: Mateus 2.1-12



Na festa da Epifania celebramos a manifestação do Messias como luz do mundo como luz e afirmamos que a nova aliança inaugurada por Cristo é para todos os povos, todas as nações, todos os seres humanos. É bom destacar que o final do evangelho de Mateus fala em evangelizar todos as nações, mas isso já é prenunciado no início do evangelho, com os magos representando essa realidade. Epifania, portanto, é momento de destacar o universalismo da obra de Jesus.

A perícopes selecionada é bastante conhecida: a visita dos magos ("*magoi*"). Muitos comentaristas afirmam que esses magos, provavelmente eram astrólogos eruditos. Vale lembrar que a astrologia perdeu status social a partir da modernidade. Até então era comum que os astrônomos fossem também astrólogos. Não eram como os horoscopistas de jornal, mas acreditavam que a ordem do universo e o movimento das estrelas influenciavam a natureza e a vida na terra (ver o livro "A dança do universo", do físico e astrônomo Marcelo Gleiser).

O texto também dá margem a pensar nos magos como "praticantes de magia", o que levou alguns autores patrísticos a interpretar a narrativa como um exemplo do triunfo do cristianismo sobre a magia, feitiçaria e bruxaria. Já que Mateus tece várias comparações entre a infância de Jesus e o êxodo (por exemplo, a morte dos primogênitos, o exílio no Egito e o retorno a Israel), essa menção aos magos pode talvez estar conectada ao episódio dos magos egípcios que duelaram com Moisés e Aarão. A menção de "três presentes" (ouro, incenso e mirra) deu ensejo à opinião de que eram três magos, mas isso é incerto. O fato é que não podemos considerá-los como "reis". Eram simplesmente astrólogos ou magos mesmo. E os dons que esses magos oferecem representam "a riqueza das nações" (Is 60.5-6, texto da primeira leitura de hoje) trazidas ao Messias.

Alguns aspectos são importantes de se destacar:

a) Os magos ofereceram o que de melhor possuíam – ouro, incenso e mirra – mas receberam muito mais: o Deus feito homem. Depois de sua oferta, saíram mais ricos do que antes. Apresentaram coisas e ganharam alguém;

b) Os dons dos povos ofertados ao Messias devem nos fazer meditar a respeito do tema da inculturação da liturgia. Temos aqui, tecnicamente, o primeiro culto (liturgia) oferecido em louvor ao Cristo recém-nascido. E essa liturgia continha elementos de paganismo, pois aqueles magos não eram judeus (vinham do Oriente);

c) Outro ponto que merece destaque é o engano inicial dos magos. Foram primeiro a Jerusalém. Pensaram ser lá, onde havia um Rei, sacerdotes e peritos na Lei que encontrariam "o Rei dos judeus". Mas era para Belém que a estrela apontava. Em Jerusalém se concentrava a caducidade da velha aliança;



d) Ainda em Jerusalém descobriram que as profecias apontavam para um lugar pobre, Belém. E os magos não hesitaram em se dirigir para lá, diferentemente de Herodes e os doutores da Lei, que mesmo sabendo pelas profecias onde o Messias nasceria, não arredaram o pé de Jerusalém; Deus empregou séculos falando ao povo eleito. Enviou profetas em intervalos sucessivos, sempre a fim de mantê-los atentos. E quando veio o Messias, a primeira adoração solene e oficial foi prestada por gentios. Que contradição. Que não aconteça o mesmo conosco. Contaminados por uma interpretação equivocada da eleição, corremos o risco de sectarizar o Cristo. Mimados demais pela graça, um dia pode chegar alguém perguntando daquele menino e nós teremos que confessar, envergonhados, que jamais o encontramos porque nunca nos dispusemos a deixar o conforto de Jerusalém e pôr os pés numa estrebaria. E tal como os magos em relação aos judeus, eles chegariam lá antes de nós. E, com medo de nossa reação indignada, talvez não voltem para nos contar sobre o que descobriram (Carlos Eduardo B. Calvani).